

MAPEAMENTO GEOLITERÁRIO: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA OS ESTUDOS GEOGRÁFICOS

Walter Luiz Jardim Rodrigues

Mestrando em Geografia pela Universidade Federal do Pará - UFPA
wjrodrigues@gmail.com

Viviane Corrêa Santos

Mestrado em Geografia pela Universidade Federal do Pará - UFPA
correasantosv@gmail.com

Welligton Augusto Andrade Fernandes

Graduando em Geografia pela Universidade Federal do Pará - UFPA
welligtonfernandes@yahoo.com.br

Márcia Aparecida da Silva Pimentel

Pós-doutorado em Geografia pela Universidade de São Paulo - USP
mapimentel@ufpa.br

Recebido em: 01/07/2015; Aceito para publicação em: 03/02/2016

RESUMO

Os romances são produções literárias que abrigam em suas páginas, variadas possibilidades de estudos. Embora pouco explorados neste sentido, seus estudos podem ser muito úteis não somente para linha de pesquisa da Geografia e Literatura, mas para diversos ramos do conhecimento como a percepção ambiental, urbanismo, história, economia e entre outros. Neste sentido, procura-se contribuir com uma abordagem metodológica para apreensão do espaço geográfico através de obras literárias, e nesse estudo, a análise do espaço geográfico da cidade de Belém do Pará da década de 1920, descrita no romance “Belém do Grão-Pará” de Dalcídio Jurandir. E assim comparar com a atual organização espacial da cidade a partir do uso das geotecnologias para espacializar, identificar, analisar e representar o espaço através de mapas temáticos gerados a partir do mapeamento geoliterário.

Palavras-chave: Geografia e literatura; Percepção da paisagem; Espaço urbano; Belém do Pará.

GEOLITERARY MAPPING: METHODOLOGICAL PROPOSAL TO GEOGRAPHY STUDIES

ABSTRACT

The novels are literary productions that host in their pages, varied possibilities of studies. Although barely explored in this sense, the studies can be much more useful not only to the research line of Geography and Literature, but also to several fields of knowledge as the environmental perception, urbanism, history, economy among others. In this sense, it seeks to contribute with a methodological approach and capturing the geographical space through the literary works, in this study, the analysis of geographical space of the city Belém do Pará in the decade 1920's, described on the novel “Belém do Grão-Pará” by Dalcídio Jurandir. And then to compare with the current spatial organization of the city based on the use of the geotechnologies to spatialize, identify, analyze and represent space through the thematic maps generated by the geoliterary mapping.

Keywords: Geography and literature; Perception of landscape; Urban space; Belém do Pará.

INTRODUÇÃO

A geografia tem como objeto de estudo o espaço geográfico. Falar de espaço geográfico em geografia é falar da construção de um produto histórico, surgido das relações entre a sociedade e a natureza. Nesse sentido os textos literários são documentos que registram as práticas sociais de um determinado contexto histórico e carregam em si as marcas das práticas sociais dos mais variados grupos que vivem e se relacionam. Essa relação tem como produto a construção do espaço.

A paisagem é traduzida por um conjunto de formas de um determinado tempo e que a mesma nos revela sucessivas relações localizadas entre o homem e a natureza. E é nessa perspectiva que o autor define o conceito de espaço como sendo as formas e a vida que as anima (SANTOS, 2002).

As abordagens da Geografia, a partir de 1970, principalmente a partir dos estudos humanistas e culturais, demonstram claramente a necessidade dos geógrafos trazerem para suas abordagens analíticas outras formas de saber. Sugere-se a Religião, a Arte e a percepção das pessoas enfatizando nessa abordagem geográfica a importância do envolvimento do homem com o seu lugar (MARANDOLA, 2006).

Edmund Husserl propôs a fenomenologia como uma sugestão metodológica de investigação científica entre a relação do homem com o meio que o cerca. Por exemplo: a paisagem percebida, o espaço, o lugar, a cultura, a identidade. Mais tarde, as discussões em torno da fenomenologia serão ampliadas por outros filósofos, a citar: Merleau-Ponty, Jean Paul Sartre e Martin Heidegger.

Nos estudos da ciência geográfica, temos na estrutura da geografia cultural a incorporação dos elementos da fenomenologia e da hermenêutica. Assim, as categorias cultura, lugar, territorialidade, identidade, percepção, paisagem são apresentadas como importantes, dotadas de particularidades próprias (OLANDA e ALMEIDA, 2008).

Nesse sentido, a Geografia Humanística, apresenta-se centrada no estudo da ação e imaginação humanas bem como na análise objetiva e subjetiva de seus produtos (HOLZER, 1996 *apud* OLANDA e ALMEIDA, 2008).

Portanto, este trabalho baseia-se tanto em pesquisas de caráter objetivo como numa subjetividade artística materializada em obra literária para representar o espaço vivido, o lugar.

Desse modo os textos literários seriam importantes materiais de análises geográficas na interface Geografia e Literatura. Pois os textos literários evocam a alma dos lugares e o cotidiano das pessoas (BARCELLOS, 2009).

Assim sendo, entende-se que a literatura pode revelar detalhes a mais sobre a realidade que nos cerca, extrapolando o conhecimento científico (MONTEIRO, 1996 *apud* OLANDA e ALMEIDA, 2008).

A literatura nessa perspectiva surge como uma disciplina que pode somar de forma enriquecedora às interpretações científica da sociedade.

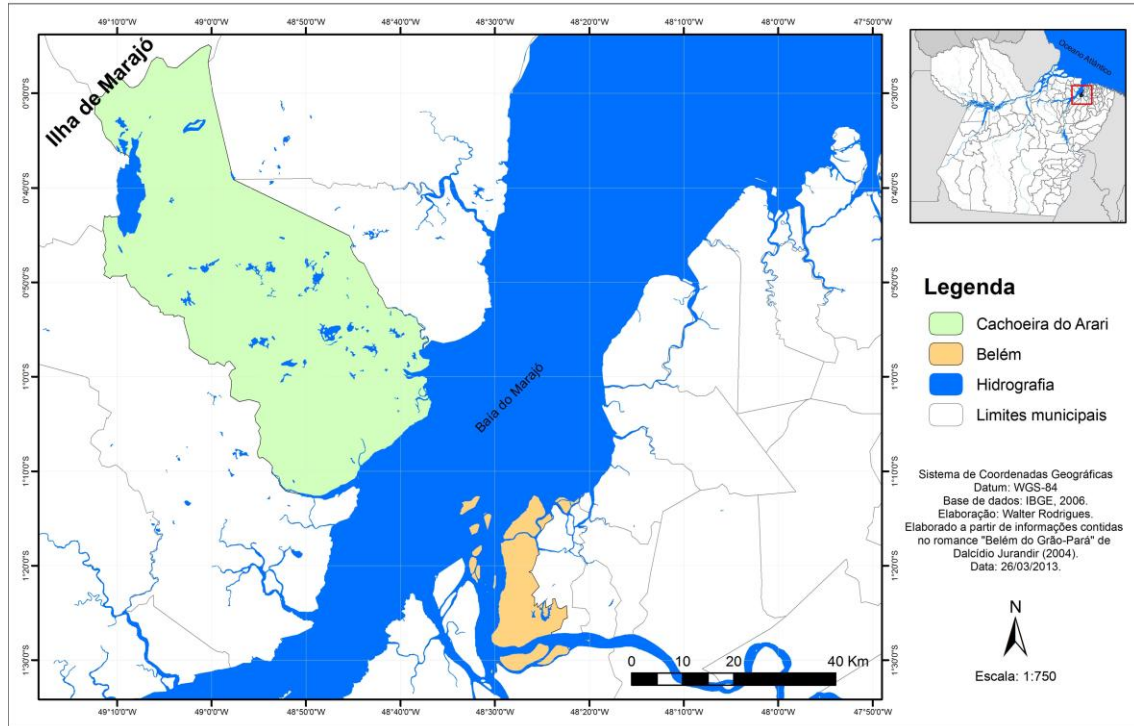
O romance “Belém do Grão-Pará”, escrito pelo paraense Dalcídio Jurandir e publicado pela Livraria Martins Editora em 1960 nos apresenta, através das experiências perceptivas das personagens, e neste estudo elencamos a personagem Alfredo, a configuração social e espacial da cidade de Belém do Pará dos anos 20 do início do século XX. O romance faz parte do conjunto de obras do autor intituladas Ciclo Extremo Norte, composta por nove livros (*Chove nos campos de Cachoeira*, 1941; *Marajó*, 1947; *Três casas e um rio*, 1958; *Belém do Grão-Pará*, 1960; *Passagem dos inocentes*, 1963; *Primeira manhã*, 1967; *Ponte do Galo*, 1971; *Chão dos Lobos*, 1976; *Os habitantes*, 1976 e *Ribanceira*, 1978) sendo “Belém do Grão-Pará” o primeiro romance urbano do escritor neste conjunto.

Alfredo, um menino recém-chegado do interior do estado, desembarca no cais da feira-livre do Ver-o-Peso para habitar aquela cidade, até então um enigma a ser desvendada, para continuar os estudos iniciados em Cachoeira, sua cidade de origem (Figura 1). Assim, Alfredo, ficará agregado na casa da família Alcântara, personificação da decadência de uma classe

econômica, que assim como a cidade, procurava viver das aparências e da opulência do passado.

As primeiras impressões do menino interiorano, Alfredo, sobre a paisagem e o território da capital, são contraditórias a geografia ouvida de sua mãe ainda no chalé em Cachoeira, e com a qual o menino sonhava. O espaço urbano de Belém surge frio, indiferente, repulsivo, “[...] mas que depois, feito uma fêmea sedutora, fascina-o” (NUNES, 2007, p.133).

Figura 1. Mapa de situação dos municípios de Belém e Cachoeira do Arari – PA



O tempo e o espaço durante a leitura do romance se associam e se comparam em alguns momentos. Subitamente, numa esquina ou num apito do trem, o leitor é transportado para o chalé da família de Alfredo em Cachoeira para logo em seguida estar ali no quintal da família Alcântara, em Belém, ouvindo os passarinhos. O apito do trem que passa na Gentil Bittencourt é comparado aos dos barcos (as canoas “Lobato” e a “Guilherme”) que Alfredo percebia do chalé em Cachoeira. O que leva o menino a pensar: “[...] Vinha, com efeito, morar à margem de outro rio?” (JURANDIR, 2004, p.97). A memória da infância vem assim se misturar com suas primeiras impressões sobre a cidade.

Alfredo parecia não ter viajado no bonde e sim o barco ainda. A rua era um rio ondulante. [...] E estava ali, em Belém, na casa 160, tudo rapidamente como se tivesse vindo num vôo. Os pés, porém, continuavam no chão cachoeirense, fincado nos campos, tocando por alguns minutos na sepultura da irmã ou no barro quente de sol e das mãos de Andreza. [...] Um trem apitou e passou, vagorosamente, arrastando-se, fazendo a casa, de leve, estremecer. Alfredo arriscou um olhar pela janela, um tem pela primeira vez. Quase o mesmo apito que ouvia das lanchas no chalé. Em vez de barcos, da “Lobato” e da “Guilherme” passavam trens. Vinha, com efeito a morar à margem de outro rio? (JURANDIR, 2004, p.95-97).

Este trabalho é parte de uma pesquisa ainda em desenvolvimento, dessa forma, elencou-se analisar a percepção da paisagem assim como a representação cartográfica da obra “Belém do Grão-Pará” a partir da percepção da personagem Alfredo, por este, ser a personagem central da obra e, conforme observou Nunes (2007, p.89), o alter ego do autor: “Dalcídio Jurandir, que, segundo se percebe, tem inclinação autobiográfica. Nessa direção, Alfredo – máscara ficcional

– é o alter ego do autor. Daí as trajetórias de ambos – pessoa e personagem – se aproximarem”.

Assim, se propõe, em um primeiro momento, a uma leitura geográfica do romance “Belém do Grão-Pará”, principalmente, a partir da percepção da paisagem registrada no ver, viver e sentir a cidade das personagens expressos na citada obra e cristalizados no discurso do narrador. Esses aportes teóricos servirão, em conjunto, de subsídios para as discussões acerca da percepção da paisagem a partir do gênero literário romance e da geografia de sua época, em especial, a representação cartográfica do espaço urbano da cidade de Belém dos anos 20 sob as andanças da personagem Alfredo.

Já em um segundo momento, será proposta a espacialização da cidade de Belém dos anos 20 através do mapeamento dos pontos descritos no romance assim como o trajeto feito pela personagem central, o menino Alfredo, desde sua cidade natal até suas andanças pela capital paraense de sua época.

Para isso, se fará uso das Geotecnologias, mais especificamente, o geoprocessamento, que será aplicado como ferramenta à análise e representação cartográfica do espaço geográfico descrito no romance. Pois, uma vez que, a leitura do texto dalcidiano, no plano ficcional, nos remete a cartografia, ao desenho das principais vias de circulação da cidade, da localização espacial dos prédios públicos, aos trajetos feitos pelos bondes elétricos e trens, entre outros elementos da paisagem da época. O que nos permite facilmente visualizar “[...], os contornos de um aglomerado urbano que havia saído do fausto período gomífero para viver de outros recursos (...)” (NUNES, 2007, p.132).

Em seguida, serão feitas algumas considerações finais sobre as possibilidades de aplicação dos estudos geográficos relacionados à percepção da paisagem da cidade a partir de obras literárias, no presente caso, o gênero literário romance. E, a partir daí, aplicar o uso do geoprocessamento como ferramenta para a espacialização e análise do espaço urbano (neste caso a cidade de Belém da década de 20) de uma época passada através do que nesta pesquisa se denominou de mapeamento geoliterário a partir do romance urbano.

A PERCEPÇÃO DA PAISAGEM NA INTERFACE GEOGRAFIA E LITERATURA

A percepção segundo Del Rio e Oliveira (1996, p.3) é “[...] um processo mental de interação do indivíduo com o meio ambiente que se dá através de mecanismos perceptivos propriamente ditos e, principalmente, cognitivos”. Esses mecanismos perceptivos são entendidos enquanto aqueles dirigidos pelos estímulos externos que podem vir a ser captados pelos cinco sentidos, bem como, pela inteligência dos sujeitos.

A percepção, em especial a ambiental, foi desenvolvida a partir da perspectiva de que os atributos do meio ambiente (natural ou construído) acabam tendo influência sobre o processo perceptivo dos sujeitos, em especial sobre um dos sentidos, a visão (SANTOS, 2014, p.44).

No romance “Belém do Grão-Pará”, essa “influência sobre o processo perceptivo dos sujeitos” (SANTOS, 2014, p.44), como bem observou Nunes (2007, p.182) perpassam as páginas do romance num “[...] entrelaçar de sentidos – ‘os perfumes, as cores e os sons se correspondem’ – é uma tendência que traspassa a vaporosa cidade equatorial, estimulada pela desenvoltura das personagens.” que delimitam o espaço físico de “Belém do Grão-Pará” através dos caminhos feitos pelos mesmos.

A importância dos sentidos (visão, audição, tato, olfato e paladar) como elementos fundamentais para a apreensão da realidade que nos cerca, podem ser considerados comuns, chegando a alcançar um grau de desenvolvimento que se estende para os considerados sentidos especiais, que são: o sentido das formas, de harmonia, de equilíbrio de espaço, de lugar. Assim sendo, a “atividade perceptiva enriquece continuamente a experiência individual e por meio dela nos apegamos, cada vez mais, ao lugar e à sua paisagem, desenvolvendo sentimentos topofílicos” (MACHADO, 1996, p.104).

Quanto a esse apego ao lugar e a paisagem, assim como, ao processo de transformação do espaço em lugar à medida que o mesmo adquire significado, desenvolve-se o conceito de

topofilia. Que apresenta a representatividade do lugar para os grupos e indivíduos a partir de suas percepções. Dessa forma, a topofilia está diretamente ligada ao sentimento construído a partir da história vivida no lugar (TUAN, 1980).

A percepção da paisagem, o sentimento topofílico e a materialização da geografia em textos literários, fazem das produções literárias, um manancial de informação que podem muito bem ser consultadas nas mais diversas áreas do saber como, por exemplo, aos estudos urbanos, geográficos, cartográficos, históricos, economicistas, ambientais, entre outros.

Nessa perspectiva, a Literatura torna-se geográfica à medida que abriga em seus textos a paisagem, o espaço, o lugar, a sociedade e natureza, o que faz dessa expressão artística uma rica fonte de estudos geográficos, uma vez que a literatura representa o mundo de uma maneira diferente da que a ciência representa (TUAN, 1978 *apud* MARANDOLA, 1996).

A aplicação da Literatura nos estudos da Paisagem fora destacada por Salter e Lloyd já em 1977, numa tentativa de encorajar os geógrafos num uso da Literatura, não como uma substituta dos estudos geográficos tradicionais, mas como um especial complemento, uma fonte diferenciada de pesquisa no estudo da paisagem. E isto se deve ao fato de que para esses autores, a Literatura possui a capacidade singular de descrever sobre as singularidades do mundo sem sacrificar a riqueza da experiência humana (SALTER e LLOYD, 1977 *apud* MARANDOLA, 2006).

Portanto, as possibilidades de estudos que podem ser enriquecidos e/ou desenvolvidos a partir dos estudos da percepção da paisagem na interface da Geografia e Literatura são diversas nas mais diversas áreas do conhecimento.

A PERCEPÇÃO DA PAISAGEM URBANA DE BELÉM DA DÉCADA DE 20 NO ROMANCE “BELÉM DO GRÃO-PARÁ”

A seguir, serão apresentados trechos da obra “Belém do Grão-Pará”, onde a cidade será descrita a partir da percepção da personagem Alfredo, como no trecho seguinte quando a canoa que o trouxe encosta no cais do porto, no Ver-o-Peso ao lado do necrotério (hoje posto da Polícia Militar) da cidade:

[...] Agora, o barco descansava naquele abrigo, ao lado do Necrotério, liberto do mau tempo. Preferia que tivesse atracado do lado das quatro torrinas do Mercado de Ferro, que davam a Alfredo a impressão das casas turcas vistas no *Dicionário ilustrado*. Ou perto das canoas de peixe, ou na escada junto às embarcações de mel, alguidares, jarros, urinóis de barro? Vermelhos urinóis de barro cozendo ao sol. Mas o “São Pedro”, como todas as embarcações do Arari, encostava sempre do lado do Necrotério, a proa olhando os velhos sobrados comerciais que se inclinavam sobre a pequena praça para saudar, à maneira antiga, as canoas que entravam e saíam (JURANDIR, 2004, p.79)

Alfredo, na companhia de sua mãe, dona Amélia, agora adentra a cidade, seguindo o trajeto de bonde até a casa da família Alcântara, na avenida Gentil Bittencourt, onde residirá.

No bonde, Alfredo recolheu-se, sem mais aquela sensação de que o elétrico, com sua velocidade e rumor, quebrava a vidraça das janelas, impressão esta que levava de Belém quando pixote e sempre recordada em Cachoeira. Até que o bonde ia vagaroso.

E meio sujo, seus passageiros afundavam-se num silêncio e apatia indefiníveis. Pareciam fartos de Belém enquanto seguia com uma crescente gula da cidade. O bonde cuspiendo gente, mergulhava nas saborosas entranhas de Belém, macias de mangueiras [...]

Passaram pelo Largo de Nazaré, a Basílica em tijolos ainda, a antiga igreja ao lado. Cobrindo o Largo, mais monumentais que a Basílica, as velhas sumaumeiras. À esquina da Gentil com a Generalíssimo, saltaram. A cidade balançava ainda. Ou estava tonto com os cheiros de Belém? (JURANDIR, 2004, p.93-94)

No trecho a seguir, Alfredo, guiado por Libânia, criada da casa dos Alcântara, explora praticamente toda área central de Belém, descrevendo o que sua percepção extraiu do trajeto.

Na mesma tarde, um sábado, Emília mandou Libânia ao “point a jour”, na Dr. Morais [...]

E da Dr. Morais, sem lhe dizer nada, Libânia levou ele ao Largo da Pólvora. Alfredo reconheceu velhas fotografias de sua intimidade: o Teatro da Paz, o Grande Hotel, a estátua da República, todo o “Álbum Comemorativo do Centenário de Belém” de corpo presente [...] [Libânia] tentava divertir-se um pouco com a matutice do companheiro, mas este se guardava, cauteloso, adivinhando a intenção dela, embora antes quisesse compreender que este passeio era em homenagem ao Quadro de Honra. Ele fingia conhecer Belém de muito tempo; no fundo era quase certo. Folheara tantas vezes o Álbum Comemorativo, vira tantas revistas, e jornais, que Belém...

– Aposto que tu nunca tomou um sorvete. Nunca, hein?

Ele parou, confuso. Libânia havia chamado o sorveteiro [...]

Comprou dois sorvetes [...]

Libânia ia, às vezes, ao lado dele e logo à frente, rápida, chupando o sorvete devagarinho para não acabar depressa, ralhava:

– Te esconde aí, sol. Não derrete o meu sorvete. Deixa render...

Fechava os olhos, lambendo o sorvete, de leve, rosto virado para o sol, vermelha e suada [...]

Entraram na Serzedelo Correia. Antes Alfredo pôde ver a grande mágoa de dona Inácia: o edifício d’ “A Província”, queimado, só paredes, o poder do velho Lemos comido pelo fogo, cheio de matos.

– Madrinha Inácia vem chorar sempre aqui neste cemitério? Indagou ele, gracejando.

– Te aquieta... Quietinho, sinzinho? Menos confiança com a madrinha mãe, rapaz.

Rapaz, repetiu ele, mentalmente. Ela disse: rapaz. Chegaram a Conselheiro Furtado. Rapaz. Rapaz. Defrontou-se com o cemitério da Soledade, do tempo da monarquia, fechado, o cemitério da varíola, da febre amarela [...]

Libânia benzeu-se, se lembrando do que lhe falava a madrinha-mãe sobre os fantasmas varilosos. Estes, alta noite, costumavam sair do Soledade e rondar o bairro, passeando em caleches, espiando atrás das mangueiras, o trem do Curro passar, rouco e esfalfado, sangrando sobre os trilhos roídos.

Como sempre costumava, quando ia comprar ervas e cheiro-cheirosos no Ver-O-Peso, seguindo o trilho do trem e depois o trilho do bonde, Libânia agora ziguezagueava entre as palmeiras da 16 de Novembro, quase a correr – que agonia – como se o rio lá adiante a chamasse. [...]

E [Alfredo] voltou a olhar as torres e os mastros, o rio e as mangueiras do Largo do Palácio.

- Vem cá um pouco.

[Libânia] Segurou a mão dele e o levou até a igreja de Santo Alexandre, junto do Arcebispado. Daquele casarão, afirmou Libânia, saíam os padres. Alfredo teve um arrepio: era uma escuridão lá por dentro! Para o menino, a igreja pareceu feita de uma pedra só (JURANDIR, 2004, p.129-133).

Alfredo e Libânia chegam ao Ver-o-Peso e observam um fenômeno natural que ocorre até os dias de hoje em Belém, a maré de sizígia, em Março, que inunda as ruas próximas ao Ver-o-Peso.

Viva a maré de março visitando o Mercado de Ferro, lojas e botequins, refletindo junto ao balcão os violões desencordados nas prateleiras. Os bondes, ao fazer a curva no trecho inundado, navegavam. As canoas no porto veleiro, em cima da enchente, ao nível da rua, de velas içada, parecia, prontas a velejar cidade adentro, amarrando os seus cabos nas torres do Carmo, da Sé, de Santo Alexandre e nas sumaumeiras do arraial de Nazaré (JURANDIR, 2004, p.133).

O romance, no capítulo 15, alcança os limites mais afastados do centro de Belém dos anos 20, os bairros de São Braz e do Marco da Légua, quando Libânia leva Alfredo até a casa da bordadeira, na Castelo Branco, lá onde o menino percebe uma paisagem contrastante com as

paisagens do centro da cidade. Nesse trajeto feito a pé sobre os trilhos do aterro do trem, a paisagem é percebida conforme o trecho a seguir:

- Vamos, aquelezinho. Vamos na bordadeira.

[...] De um lado, estava a Fábrica de Cerveja com a chaminé e o nome no paredão branco. Do outro, a baixa, bois, valas, casebres, homens ceifando capim, meio atolados, com este e aquele vagalumeio de foice. Ninguém no aterro do trem. Os dois caminhavam de mão seguras no trilho do trem. [...]

O chão, sob o jasmineiro, salpicado de jasmims, era um acolhimento. Alfredo tinha atravessado aquele palhoçal pobre da Castelo Branco, saltando lama e valas, ladeando capinzais e lixo, roupas quarando no meio da rua, linhas de papagaio que os meninos empinavam, pupunhas cozidas à venda nas janelinhas. Tacacazeiras montavam suas panelas e bancos na esquina. Uma nuvem de chuva despencou, chiando nas palhas e zincos da rua. Nas barracas de chão, viam-se meninos de olho remelentos, mulheres costurando, amarelidão de paludismo e partos recentes, velhinhas vergadas sobre a almofada de renda, a peneira de tapioca, o cabelo piolhento da neta que berrava. (JURANDIR, 2004, p.205-208).

Ainda no capítulo 15, Libânia, ao descobrir um tostão no bolso do companheiro, o convida para pegar um bonde até o Bosque Rodrigues Alves, que ficava no limite da cidade de Belém dos anos 20, limite conhecido como primeira légua patrimonial da cidade. Nesse trajeto, é possível analisar, através da percepção da paisagem descrita no romance, a cultura de hortaliças no trecho entre o Mercado de São Braz e o Bosque, demonstrando assim o aspecto rural da paisagem na cidade.

[Alfredo] Remexeu o bolsinho. Estava ali uma moeda de tostão. Pequenina, velha, ansiosa de circular. [...]

- [...] Olha, o Demônio me meteu na cabeça que devo ir contigo agora-agora no Bosque. [...]

Apanharam um bonde. [...]

O bonde, com um ruído surdo, corria muito, às vezes como suspenso no fio elétrico, voando no ardor da tarde, com o azul do céu saindo e entrando pelos bancos e passageiros. Libânia saboreava a viagem, apontando ruas, coisas, o homem regando as couves na horta onde o boi olhava o bonde.

Ali estava o Mercado de São Brás. Adiante os campos do Clube do Remo e do Paysandu Sport Club, tudo muito conhecido de fotografia e de imaginação. De certo modo, os campos de futebol, naquela rápida passagem do bonde, o desapontavam. Talvez porque, no seu imaginar, deveriam ser mais bonitos, mais seus. Ali, na realidade, pareciam distantes, fugitivos, inacessíveis, destoando dos modelos imaginados, tão mais sólidos na fantasia do Alfredo.

Entraram no Bosque. Libânia largou-se de dele, desaparecendo entre as árvores como caça perseguida.

Alfredo tinha um passo lento e curioso.

O silêncio e a sombra o levavam para a espessura.

Parou intimidado. Longe, era a voz de Libânia, trespassada de folhagem, pássaros e resinas, a que se misturavam as vozes de Andreza, estórias de Lucíola, o riso de Clara, a flauta do baile das moças pobres do chalé. Voz de que chama no mato. Era então aquele Bosque Rodrigues Alves? Aquela areinha no chão, os coretos, os balanços, aquele pavilhão.

Libânia chamava-o (JURANDIR, 2004, p.210-212).

As possibilidades de estudos da paisagem, do lugar, do espaço da cidade de Belém são muitas. Para este trabalho, elencaram-se os trechos acima citados, para ilustrar a aplicabilidade da Literatura nos estudos de Geografia, em especial, aos estudos da percepção da paisagem, da geografia urbana e, como veremos posteriormente, do mapeamento do espaço urbano belenense da década 20.

LITERATURA E GEOPROCESSAMENTO: METODOLOGIA DE ANÁLISE GEOGRÁFICA

Para Câmara et. al. (2001) o desenvolvimento simultâneo da tecnologia de Informática, possibilitou o armazenamento e a representação de dados geográficos em ambiente computacional, outrora desenvolvidos apenas em documentos e mapas de papel, o que impedia uma análise combinatória de mapas e dados. Esse desenvolvimento da tecnologia de Informática abriu caminhos para o surgimento do que viria a ser chamado de Geoprocessamento.

Assim, esta nova disciplina do saber, trataria da informação geográfica utilizando-se de técnicas matemáticas e computacionais. Para se trabalhar essas informações geográficas em ambiente computacional, foram criadas as ferramentas chamadas de Sistema de Informações Geográficas (SIG). Estas ferramentas permitiriam realizar análises complexas, ao integrar dados de diversas fontes, criando assim os bancos de dados georreferenciados. E ainda torna possível a automatização da produção de documentos cartográficos (CÂMARA et. al., 2001).

Conforme Fitz (2008, p.23), o SIG seria definido como:

[...] um sistema constituído por um conjunto de programas computacionais, o qual integra dados, equipamentos e pessoas com o objetivo de coletar, armazenar, recuperar, manipular, visualizar e analisar dados espacialmente referenciados a um sistema de coordenadas conhecido.

Sendo o geoprocessamento uma técnica transdisciplinar, diversas são as ciências que se beneficiam de seu uso através dos trabalhos de localização dos fenômenos e equacionamento e esclarecimento das condições espaciais.

Nesse sentido o Geoprocessamento é:

uma tecnologia transdisciplinar, que, através da axiomática da localização e do processamento de dados geográficos, integra várias disciplinas, equipamentos, programas, processos, entidades, dados, metodologias e pessoas para coleta, tratamento, análise e apresentação de informações associadas a mapas digitais georreferenciados (ROCHA, 2000 *apud* FITZ, 2008, p.24).

Sendo a Literatura uma produção cujo conteúdo geralmente se caracteriza pela especialização da realidade narrada, a mesma trás consigo uma expressiva carga de caráter geográfico, e isso fica muito evidente na espacialização do enredo (KIMURA, 2002 *apud* MARANDOLA, 2006).

Levando em consideração o caráter interdisciplinar do Geoprocessamento e sua capacidade de integração das mais variadas disciplinas através da localização e do processamento de dados geográficos, busca-se neste tópico do artigo, a integração do Geoprocessamento à análise e a representação cartográfica do romance “Belém do Grão-Pará” sob a percepção da personagem Alfredo, que através de suas andanças pela capital, a espacializa; ou, no dizer de Nunes (2007, p.132): “[...] fica a certeza de que a literatura abre-se à cartografia de uma cidade equatorial”.

Para confecção dos mapas geoliterários foram consultados mapas temáticos de Belém do Pará dos anos 20 a fim de identificar o traçado de ruas, avenidas. E a partir das imagens obtidas pelo software gratuito Google Earth e dos dados vetoriais georreferenciados da Companhia de Desenvolvimento e Administração da Área Metropolitana de Belém (CODEM), foi possível comparar os logradouros atuais com os da época que trata o romance e assim projetar os mapas levando em consideração os métodos de representação cartográfica qualitativa.

Essas representações qualitativas são empregadas para mostrar a presença, a localização e a extensão das ocorrências dos fenômenos que se diferenciam pela natureza e tipo, podendo ser estabelecidos pelas ciências que estudam tais fenômenos (MARTINELLE, 2003).

Os fenômenos podem ser representados, conforme suas ocorrências, em pontos, linhas e áreas. Na manifestação pontual, usamos a variação de forma para representar os espaços visitados pelas personagens do romance. Para representar a manifestação linha, usamos a variação de forma para descrever os trajetos de personagens e transportes públicos da época. Já na manifestação zonal, utilizamos cores (MARTINELLI, 2003).

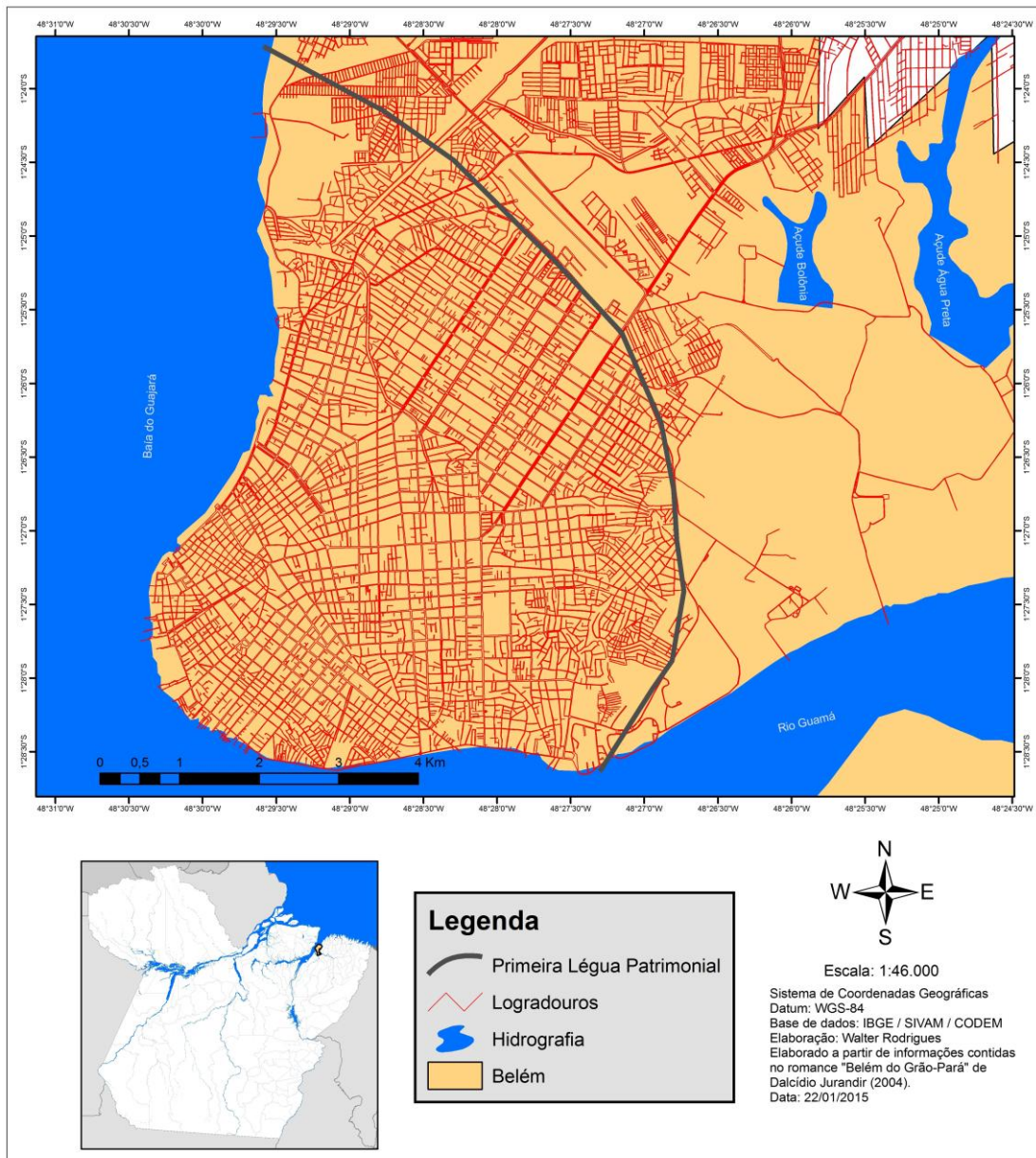
Foi utilizado ainda o software ArcGis 9.3, licenciado pelo Laboratório de Análise e Informação Geográfica da Universidade Federal do Pará – LAIG/UFPA para estruturação da base de dados geográficas para as posteriores confecções de mapas temáticos.

A percepção da paisagem e a resultante descrição da mesma no discurso do narrador dão evidências para um possível desenvolvimento de um Sistema de Informações Geográficas, cujo banco de dados gerados possa subsidiar a elaboração de mapas temáticos das obras literárias, ou seja, um mapeamento geoliterário.

MAPEAMENTO GEOLITERÁRIO DO ROMANCE “BELÉM DO GRÃO-PARÁ” SOB A PERCEPÇÃO DA PAISAGEM DA PERSONAGEM ALFREDO.

Para Nunes (2007, p.184-185), “[...] parte significativa das personagens de Belém do Grão-Pará transita com desenvoltura pelos chãos da cidade que, então, não tinha as medidas geográficas (e às vezes nem a mesma denominação) de hoje”. As medidas daquela época correspondiam aos limites da primeira légua patrimonial (Figura 2).

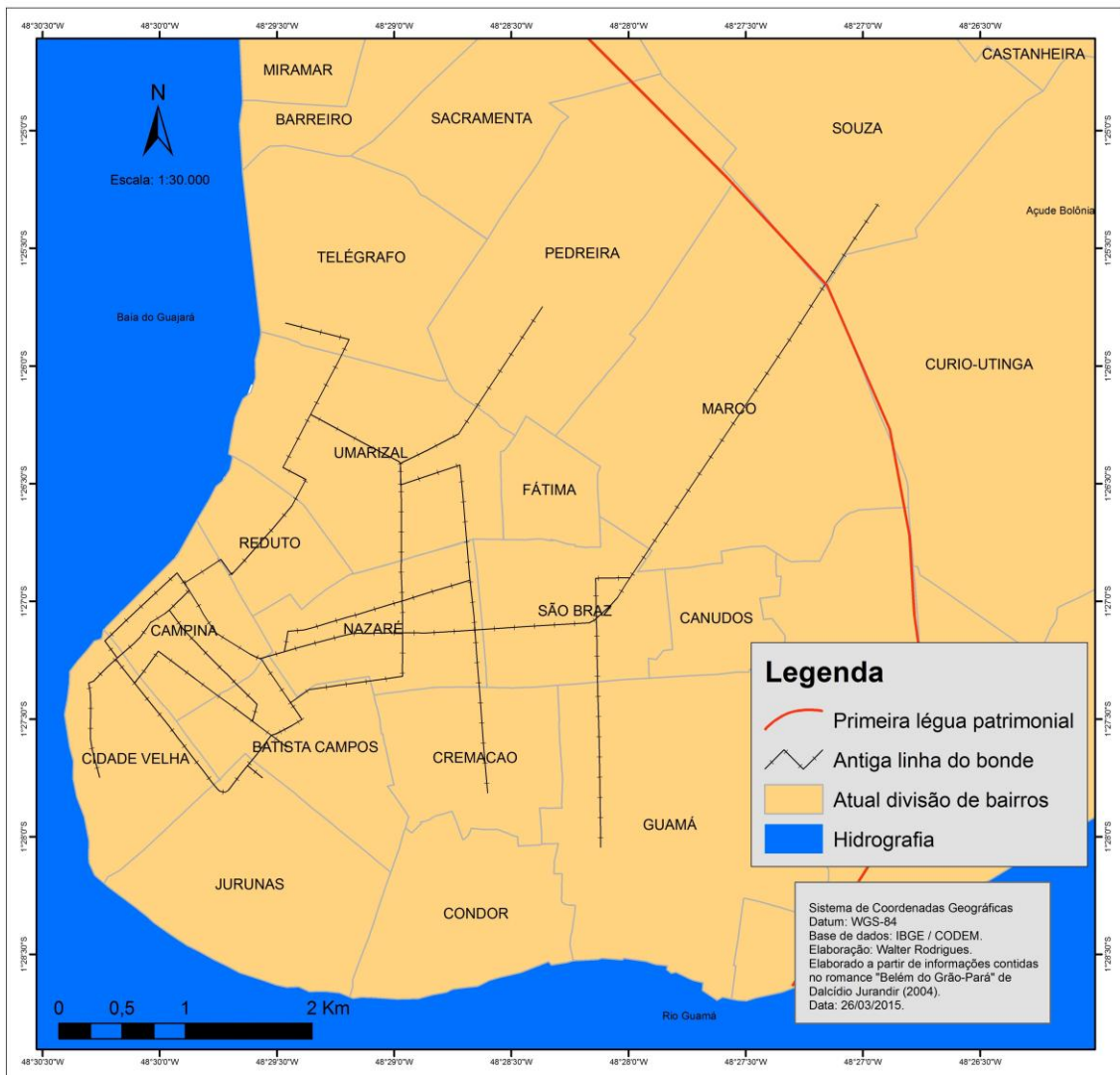
Figura 2. Mapa do limite espacial de "Belém do Grão-Pará": a primeira légua patrimonial.



Através da leitura do romance, na perspectiva da personagem Alfredo, e a partir da análise dos trajetos percorridos pela personagem, foi possível mapear o espaço descrito na obra “Belém do Grão-Pará”. Para isso, foi levado em consideração os pontos analisados através da leitura, das pesquisas feitas em trabalhos desenvolvidos, principalmente, pelos estudos desenvolvidos nas áreas das Letras, História e Geografia.

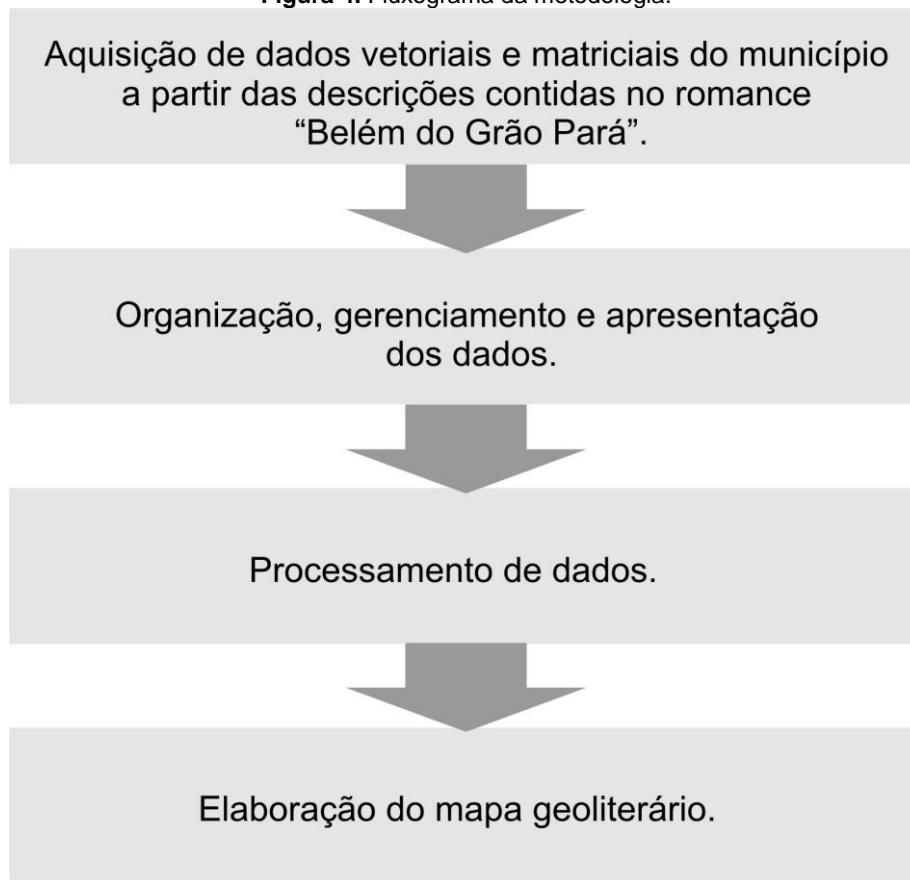
Como exemplo, podemos observar (Figura 3), a representação do traçado da linha do bonde elétrico usado como meio de transporte pela população de “Belém do Grão-Pará”, década de 20, sobre a base cartográfica da atual divisão de bairros do espaço urbana do município de Belém.

Figura 3. Traçado da linha do bonde em Belém da década de 20



Assim sendo, as atividades de geração dos mapas temáticos aqui resultantes seguiram as seguintes etapas metodológicas (Figura 4), conforme o esquema a seguir:

Figura 4. Fluxograma da metodologia.

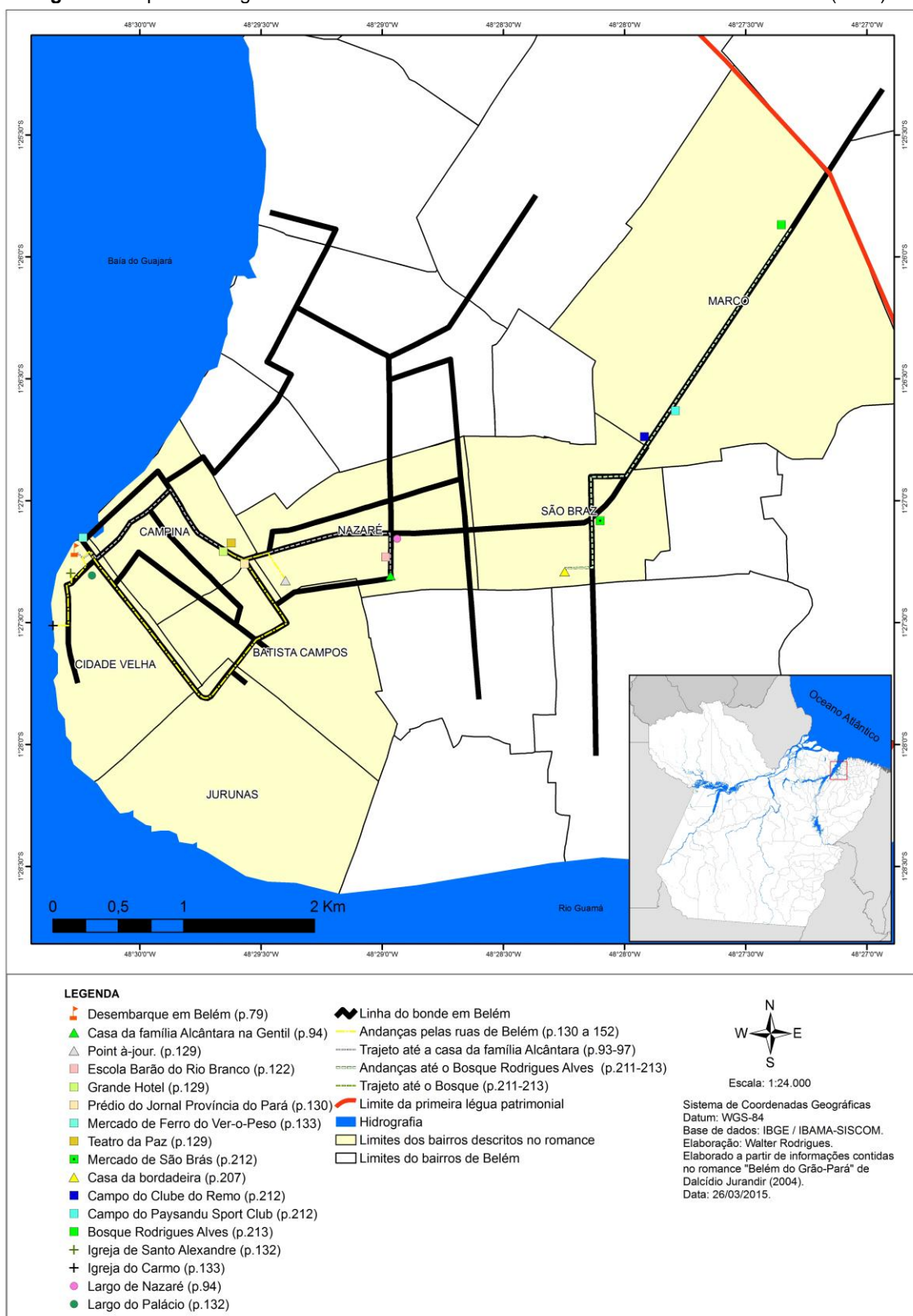


Fonte: elaborada pelos autores.

Desse modo, foi possível elaborar um mapa (Figura 5) com, objetivando localizar os principais pontos descritos no romance para auxiliar na espacialização dos caminhos por onde Alfredo passou, viu, sentiu e viveu a paisagem urbana de sua época.

A seguir, o resultado do mapeamento geoliterário do espaço urbano da cidade de Belém do Grão-Pará, década de 20, através dos dados apontados no romance "Belém do Grão-Pará", elaborado a partir da percepção da personagem Alfredo sobre a base cartográfica da atual divisão de bairros e logradouros do espaço urbana do município de Belém do Pará.

Figura 5. Mapeamento geoliterário do romance "Belém do Grão-Pará" de Dalcídio Jurandir (2004)



O mapa geoliterário resultante apresenta uma simbologia definida em pontos, linhas e polígonos a fim de elucidar as informações contidas na obra "Belém do Grão-Pará" de Dalcídio Jurandir. Para cada informação achou-se importante indicar a numeração da página correspondente no romance. A legenda indicando cada ponto, trajeto, bairros percorridos pelas

personagens da obra facilita a apreensão desses lugares e a sua respectiva comparação entre os espaços de um tempo anterior em comparação aos espaços dos tempos atuais. Fazer essa comparação de tempos e espaços diferenciados a partir de uma cartografia comparativa a partir de mapeamentos geoliterários nos permite visualizar a construção e evolução do espaço geográfico, seus processos, suas formas e arquiteturas, sua organização política e social, seus costumes e culturas.

A aplicação do mapeamento geoliterário nos estudos geográficos é uma possibilidade a ser considerada, uma vez que os romances nos oferecem subsídios para análises integradas. Sem contar o prazer proporcionado pela leitura dos textos literários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, buscou-se apresentar uma abordagem geográfica, histórica e literária do espaço urbano da cidade de Belém do Pará, década de 20, descrita no romance “Belém do Grão-Pará” de Dalcídio Jurandir, e a partir daí, aplicar o uso do geoprocessamento como ferramenta para a espacialização e análise do espaço urbano de uma época passada através do que nesta pesquisa denominou-se de mapeamento geoliterário a partir do romance urbano.

Desse modo, buscou-se analisar a partir dos estudos da percepção da paisagem descrita na citada obra literária a possibilidade de aplicação da Literatura às pesquisas relacionadas aos estudos da percepção da paisagem urbana. A descrição resultante nos textos literários, a partir da paisagem percebida pelas personagens e narrador, dão evidências para um possível desenvolvimento de um Sistema de Informações Geográficas, cujo banco de dados gerados possa subsidiar a elaboração de mapas temáticos de obras literárias, ou seja, um mapeamento geoliterário.

Acredita-se que os estudos da percepção da paisagem na interface da Geografia e Literatura somada as ferramentas do Geoprocessamento, advindo da aplicação da Literatura através dos mapas geoliterários, possam ser muito úteis não somente para a linha de pesquisa da Geografia e Literatura, mas para diversos ramos do conhecimento, como por exemplo, aos estudos desenvolvidos pela História, Turismo, Arquitetura e Urbanismo e áreas afins. Nesse contexto, é interessante destacar o desenvolvimento das pesquisas acadêmicas quando estas são realizadas a partir de abordagens multidisciplinar, tendo em vista, que a interação das diferentes ciências, proporciona ao substancial aumento da percepção analítica dos pesquisadores, e logo, o transitar das pesquisas a partir do diálogo entre os mais variados ramos da ciência.

AGRADECIMENTOS

O primeiro autor agradece a Thaline Silva pela gentileza de traduzir o resumo desse artigo para o idioma Inglês. A Prof^a Dr^a Márcia Pimentel pelas sugestões e diálogos dentro do Grupo de Estudo Paisagem e Planejamento Ambiental – GEPPAM.

REFERÊNCIAS

BARCELLOS, F.R. Espaço, lugar e literatura – o olhar geográfico machadiano sobre a cidade do Rio de Janeiro. **Espaço e Cultura**, v.1, n. 25, p. 41-394, 2009.

CÂMARA, G. et. al. **Introdução à ciência da geoinformação**. São José dos Campos: INPE, 2001. Disponível em: <<http://urlib.net/6qtX3pFwXQZ3ukuKE/BQGus>>. Acesso em: 02 fevereiro de 2016.

DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L. **Percepção ambiental: a experiência brasileira**. São Paulo: Studio Nobel; São Carlos: UFSCAR, 1996.

FITZ, P.R. **Geoprocessamento sem complicação**. São Paulo: Oficina de Textos, 2008.

JURANDIR, D. **Belém do Grão-Pará**. Belém: EDUFPA; Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 2004.

MACHADO, L.M.C.P. Paisagem valorizada: A Serra do Mar como espaço e como lugar. In: DEL RIO, V.; OLIVEIRA L. (Org.) **Percepção ambiental**: a experiência brasileira. São Paulo: Studio Nobel; São Carlos: UFSCAR, 1996. p.97-119.

MARANDOLA, J.A.M.S. O Geógrafo e o romance: aproximações com a cidade. **Geografia**, v. 31, n. 1, p.61-81, 2006.

MARTINELLI, M. **Cartografia temática: caderno de mapas**. São Paulo: EDUSP, 2003.

NUNES, P.J.M. **Útero de areia, um estudo do romance “Belém do Grão-Pará”, de Dalcídio Jurandir**. Tese (Doutorado em Letras) – Belo Horizonte: PUC, 2007.

OLANDA, D.A.M; ALMEIDA, M.G. de. A geografia e a literatura: uma reflexão. **Geosul**, v. 23, n. 46, p. 7-32, 2008.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo – razão e emoção**. 4 ed. São Paulo: Edusp, 2002.

SANTOS, V.C. **Requalificação urbana da paisagem de várzea da Vila da Barca e suas consequências socioambientais**. 1 ed. Ananindeua: Itacaiúnas, 2014.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.